

Luis Fernando Verissimo

Escreve aos domingos e às quintas-feiras neste espaço

MacArthur despediu-se com um famoso discurso que terminava dizendo que os velhos soldados nunca morrem, apenas desaparecem lentamente

Estrategistas

Uma improvável guerra entre Coreia do Norte e Estados Unidos não será a primeira. Em 1950 a Coreia do Norte cruzou o Paralelo 38 que separava as duas Coreias desde o fim da Segunda Guerra Mundial e invadiu o Sul. As Nações Unidas autorizaram uma intervenção de forças aliadas para conter a invasão. As “forças” eram quase 100 por cento americanas, comandadas pelo folclórico general Douglas MacArthur, que tinha se destacado, no Pacífico, como um dos generais-celebridades da Segunda Guerra, junto com Patton na Europa e Montgomery e Rommel no norte da África. No fim da guerra MacArthur fora instalado pelo presidente americano Truman como vice-rei do Japão, onde, entre outras coisas, instituiu uma reforma agrária de fazer o Stédile salivar, e comandou suas tropas na Coreia sem sair de Tóquio.

A Guerra da Coreia também revelou um estrategista militar de primeira ordem: eu. As coisas não iam bem para os coreanos do Sul e os americanos, encurralados na ponta extrema da península. Apesar da pouca idade eu me interessava pela guerra. Estudei meus mapas e concluí que uma maneira de romper o sítio seria fazer um desembarque anfíbio como os que os americanos tinham feito em ilhas japonesas e, com tropas

aliadas, nas praias da Normandia durante a Segunda, atrás das linhas inimigas.

Cheguei a escolher o lugar do desembarque: Inchon, na costa leste. E foi exatamente onde ocorreu o ataque, dias depois. Não concluí que meu plano havia sido recebido telepaticamente pelo MacArthur, que não tinha pensado nisso. Minha megalomania não chegava a tanto. Mas coincidência ou não, a estratégia deu certo. O Sul rompeu o cerco e perseguiu o Norte para além do Paralelo 38, até a fronteira com a China.

Douglas MacArthur (por falar em megalomania) foi o mais perto que um moderno general americano chegou de ser golpista. Com a aproximação dos americanos da sua fronteira, os chineses tinham entrado na guerra, e a grande questão era se os americanos deveriam ou não atacar o outro lado do Rio Yalu, que marcava a fronteira entre Coreia e China. MacArthur queria não apenas levar a guerra para o território chinês como usar armas nucleares.

Sua insubordinação – negou-se a ir a Washington falar com o presidente sobre o que fazer com os chineses, tiveram que marcar a reunião num local escolhido por ele – levou Truman a destituí-lo do comando. MacArthur voltou para casa como ídolo da direita dura americana. É difícil imaginar que liderasse um movimento anticomunista sedicioso, mas se havia alguém com perfil e disposição para isto era ele. Preferiu despedir-se com um famoso discurso que terminava dizendo que os velhos soldados nunca morrem, apenas desaparecem lentamente. E começou a desaparecer.

Carlos Alberto Di Franco

É doutor em Comunicação pela Universidade de Navarra

E-mail: difranco@iics.org.br

É preciso atizar o leitor com matérias que rompam a monotonia do jornalismo de registro. O leitor quer menos show e mais informação de qualidade

O rapto do jornalismo

Pedro Lozano Bartolozzi, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, acaba de lançar um livro instigante: “O Rapto do Jornalismo”. O texto é uma reflexão sobre a nossa profissão, seus dilemas e seu fascínio. O jornalismo foi raptado pela perda de qualidade do conteúdo, pelo perigoso abandono de sua vocação pública e pela sua equivocada transformação em produto mais próprio para consumo privado.

Bartolozzi defende a necessidade de que essa tendência seja revertida. É preciso recuperar o entusiasmo do “velho ofício”. É urgente investir fortemente na formação e qualificação dos profissionais. Sem jornalismo público, independente e qualificado, o futuro da democracia é incerto e preocupante.

A sobrevivência dos meios tradicionais demanda foco absoluto na qualidade de seu conteúdo. A internet é um fenômeno de desintermediação. E que futuro aguarda os meios de comunicação, assim como os partidos políticos e os sindicatos, num mundo desintermediado? Só nos resta uma saída: produzir informação de alta qualidade técnica e ética. Ou fazemos jornalismo de verdade, fiel à verdade dos fatos, verdadeiramente fiscalizador dos

poderes públicos e com excelência na prestação de serviço, ou seremos descartados por um consumidor cada vez mais fascinado pelo aparente autocontrole da informação na plataforma virtual.

A revalorização da reportagem e o revigoramento do jornalismo analítico devem estar entre as prioridades estratégicas. É preciso atizar o leitor com matérias que rompam a monotonia do jornalismo de registro. Menos aspas e mais apuração. O leitor quer menos show e mais informação de qualidade.

Apostar em boas pautas – não muitas, mas relevantes – é outra saída. É melhor cobrir magnificamente alguns temas do que atirar em todas as direções. O leitor pede reportagem. Quando jornalistas, entrincheirados e hipnotizados pelas telas dos computadores, não saem à luta, as redações se convertem em centros de informação pasteurizada. O lugar do repórter é na rua, garimpando a informação, prestando serviço ao leitor e contando boas histórias. Elas existem. Estão em cada esquina das nossas cidades. É só procurar.

Há um modelo a ser seguido? Para mim, o grande desafio do jornalismo é a formação dos jornalistas. O jornalismo não é rotativa: o valor dele se chama informação, talento, critério. Por isso é preciso investir em jornalistas com boa formação cultural, intelectual e humanística – pessoas que leiam literatura, sejam criativas e motivadas. E, além disso, que sejam bons gestores. As competências são demasiadas? Talvez. Mas é o que nos pede um mundo cada vez mais complexo e desafiante.

Izabel Christina de Oliveira Roque

É mestre em Educação e professora universitária

Dizer que uma pessoa que ganha de R\$ 291 a R\$ 1.019 pertence à classe média é, no mínimo, demagógico

Nova classe média ou retórica governamental?

Para provocar e contribuir com o debate, levanto a questão das classes sociais no Brasil hoje. Isso se torna instigante considerando a intensa divulgação de que 30 milhões de brasileiros passaram a integrar a classe média ou classe C nos últimos anos. Dizer que uma pessoa com ganhos mensais na faixa de R\$ 291,00 a R\$ 1.019,00 pertence à classe média é, no mínimo, demagógico.

Conforme a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE) há três subgrupos nesta classe: a baixa classe média (R\$ 291,00 a R\$ 441,00), a média classe média (R\$ 441,00 a 641,00) e a alta classe média (R\$ 641,00 a R\$ 1.019). Como explicar que essa massa de brasileiros saiu da pobreza e passou a compor a classe média se o valor médio da cesta básica atualmente gira em torno de R\$ 330,00,

afora moradia, transporte, educação, saúde, lazer, que possibilitem ao trabalhador condições dignas de vida em um contexto cujo salário mínimo é de R\$ 678,00? Que critérios e metodologia levaram a este resultado alcançando tamanha inclusão?

Na classificação da SAE é apontada ainda a camada dos extremamente pobres que possuem renda de até R\$ 81,00; os pobres ganham de R\$ 82,00 a R\$ 162 e os “vulneráveis” estão na faixa de R\$ 163,00 a R\$ 290,00. Para estes grupos estão sendo encaminhadas políticas específicas para levar o país ao “extermínio da pobreza” (sic).

No que tange à classe alta há a baixa classe alta (R\$ 1.019,00 a R\$ 2.048,00) e a alta classe alta com proventos su-

periores a estes. Daí, conclui-se que uma professora de Educação Básica pertence à “alta” classe alta. Plenamente questionável...

É notório que tais definições mascaram a realidade e pretendem atender a interesses do governo federal, mostrando ao mundo que a vida dos brasileiros melhorou sobremaneira com as novas políticas públicas. Nada mais enganoso se considerarmos o grande endividamento dessa população que teve acesso a crédito e bens de consumo na última década, com forte estímulo e apelo do próprio governo. Para a socióloga Claudia Sciré, o que está sendo produzido é a “financeirização da pobreza” e não a efetiva ascensão de uma nova classe média ou nova classe C, que os governistas afirmam estar em curso.